

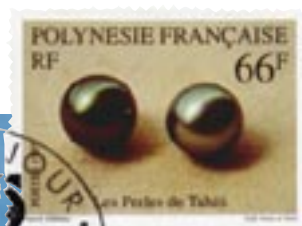


TAITI

MULHERES E PÉROLAS RARAS



Mais do que as praias de mar azul, são as pérolas negras e as mulheres da Polinésia Francesa que atraem os visitantes. As primeiras, por sua cor inusitada e as segundas, com sua dança sensual. Por Mônica Serino. Fotos Cristiano

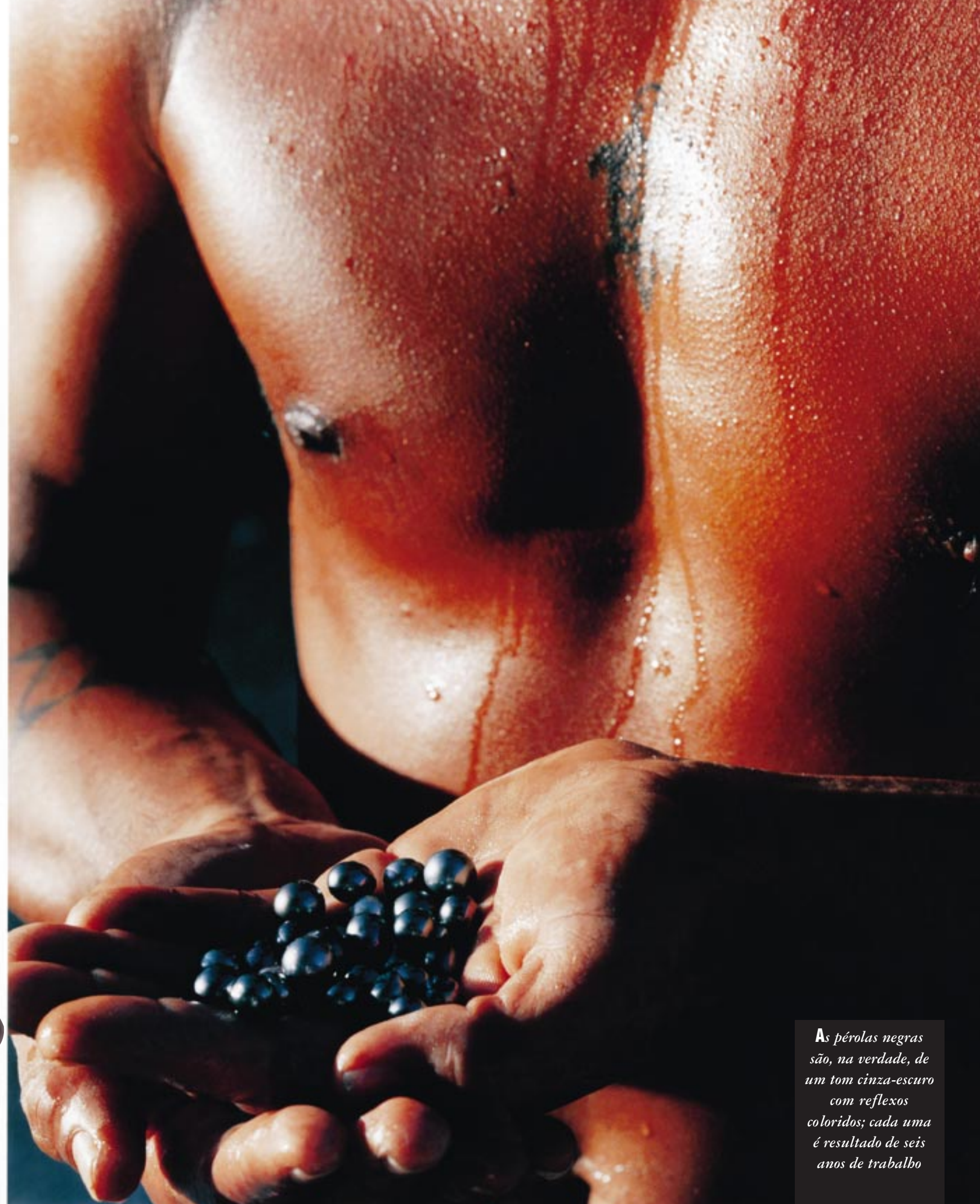
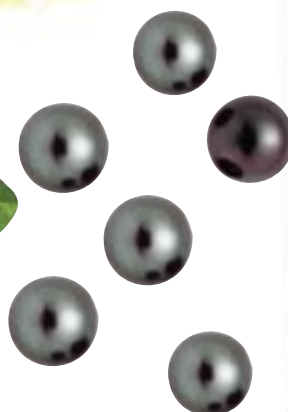


No atol de Nengo Nengo, a água translúcida revela corais fluorescentes e, entre milhares de peixes, a surpresa de pequenos tubarões inofensivos; ao lado, bailarinas taitianas, com tradicionais coroas e colares de flor





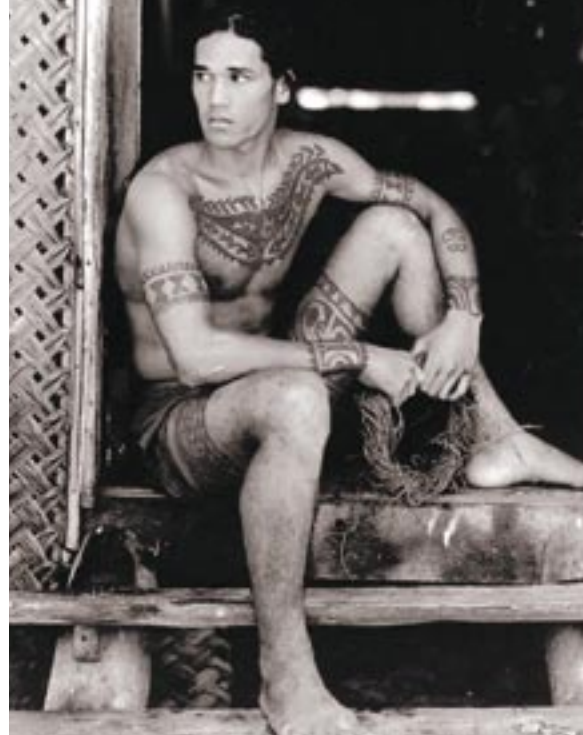
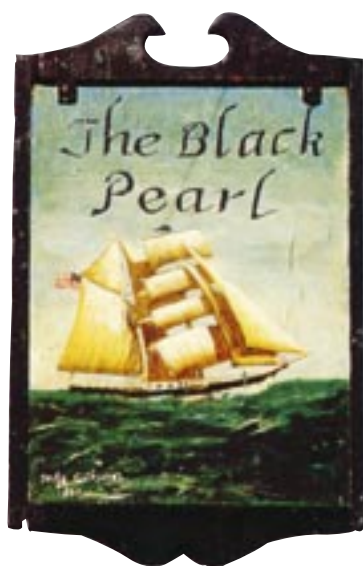
O primeiro contato do homem branco com a Polinésia aconteceu em 1525, quando quatro embarcações saíram do Chile transportando 400 homens e chegaram às ilhas; hoje o Taiti recebe cerca de 200 mil turistas por ano, atraídos pelas praias paradisíacas e a beleza exótica do povo



As pérolas negras são, na verdade, de um tom cinza-escuro com reflexos coloridos; cada uma é resultado de seis anos de trabalho



A tatuagem e a dança são duas das manifestações artísticas mais tradicionais do Taiti, que vive hoje um movimento de revalorização de sua própria cultura



TAHITI: TATTOOS, DE GIAN PAOLO BARBIERI (ED. TASCHEN)



Paul Gauguin, que viveu 12 anos na Polinésia e morreu nas Ilhas Marquesas, eternizou a beleza nativa em suas obras, como na tela "Duas Mulheres Taitianas", datada de 1899



Makau Foster, a primeira bailarina do país, demonstra gestos básicos da dança taitiana: o pássaro, o vento, o amor e a escolha do parceiro (foto maior)

TAITI



O nome é pérola negra, mas sua cor é cinza-escuro, com reflexos verde, azul, rosa... É produto da paciência humana e da Polinésia Francesa, no Oceano Pacífico, fragmentada em mais de uma centena de ilhas. Só ali são encontradas as conchas cujo interior escuro nacarado doa o tom único para a jóia redonda que, depois do turismo, é a grande fonte econômica do Taiti.

“A pérola traduz a emoção que a pessoa sente quando conhece um atol”, acredita a taitiana Anatila Brand, referindo-se às formações características de sua terra, os atóis: corais de corais brancos que se desenvolveram em bocas de vulcões extintos seis milhões de anos atrás, submersos, formando ilhotas e lagoas —onde são cultivadas as conchas, berço das pérolas.

Anatila nasceu há 73 anos em Papeete, a capital, filha de americano e taitiana. É presidente da associação dos produtores de pérolas, proprietária da segunda maior fazenda de cultivo e a única mulher de destaque num mercado que nasceu nos anos 60, explodiu no início dos 90 com as exportações e, hoje, movimentava US\$ 12 milhões em dois leilões anuais que levam ao Taiti comerciantes e

joalheiros de todo o mundo. Anatila fala menos de negócios e mais de paixão, quando explica sua atividade. “Pérola é pureza e eternidade”, diz. Se para os hindus a pérola traz felicidade, para os árabes, riqueza, e para os egípcios, amor, para Anatila, trouxeram a vida de volta, depois de uma tragédia.

NATIVA E ESTRANGEIRO

A história de Anatila se confunde com a história das mulheres do Taiti: ela virou “Madame Breaud” aos 22 anos, ao se casar com Jean Breaud, um banqueiro francês 21 anos mais velho, que a levou para Paris, onde se casou. Repetia assim a história de sua bisavó, que se casou com um americano; de sua avó, que se casou com um sueco, e de todas as outras que atraíram os estrangeiros, de Gauguin a Marlon Brando, desde que o primeiro navio chegou àquelas ilhas de gente bonita e livre.

Reunida à França desde 1880, a Polinésia Francesa tem a miscigenação como parte da sua cultura. Vem dos primeiros contatos com os viajantes a idéia discutível de que se trata de uma sociedade matriarcal. Quando os aventureiros chegavam, buscavam as mulheres para, digamos, uma primeira aproximação. Elas se tornaram a ponte entre estrangeiros e nativos, assimilando os hábitos e línguas. “Dá a impressão de que são elas que mandam, mas o homem daqui é só mais tímido, mais primitivo; em casa, é ele o chefe”, diz Anatila. Outra taitiana célebre, Makau Foster, 43 anos, a melhor dançarina do país, pensa diferente. “A Polinésia é um matriarcado, sim. Os homens são ‘chicoteados’ pelo sexo feminino. A mulher escolhe o homem”.

Nessas ilhas, a virgindade não é tabu e a vida sexual começa cedo. Mas sexo está mais relacionado a reprodução que ao prazer. A sofisticação erótica, ensina a bailarina Makau, acontece só na hora da conquista, nos jogos de sedução para os quais a dança tem papel importante. O ato sexual é simples, natural como comer e beber. “Não há preliminares. O mais importante é ter filhos. Aqui é o reino das crianças”, diz a bailarina.

Makau nasceu em Nengo,

no arquipélago de Tuamotu. Ela representa para a cultura do Taiti aquilo que Anatila representa para a economia. Makau aprendeu a dançar com sua avó, aos 4 anos. Hoje, seu grupo de bailarinos, intitulado “Poerani” (“pérola do céu”), é um policampeão dos festivais de dança, que acontecem todo ano em Papeete, no mês de julho. As “heivas”, como são chamados os festivais, ressurgiram nos anos 60, quando foi iniciado um movimento de valorização dessa arte. Os grupos proliferaram e, nas academias, a dança é praticada pelas mulheres no lugar da aeróbica. Os frenéticos movimentos dos quadris são ótimos exercícios, como comprovam as cinturas das bailarinas da Polinésia.



Madame Breaud, grande produtora de pérolas, vestindo ‘túnica missionária’

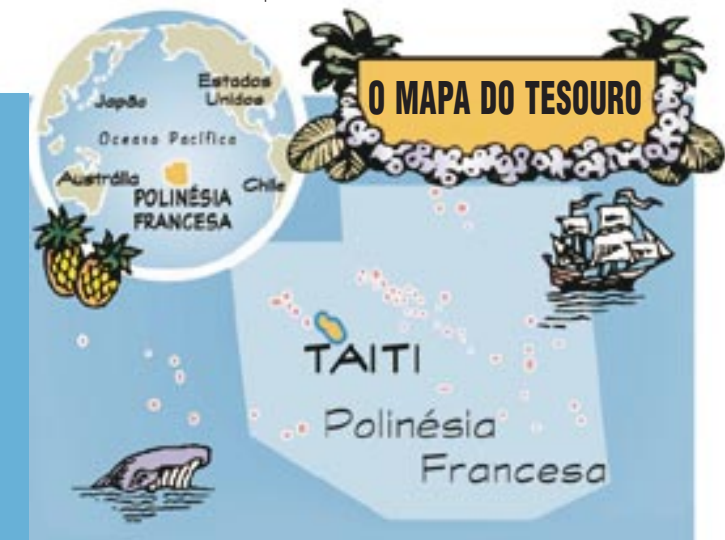
Antigamente, dançava-se para receber um visitante, em cerimônias religiosas ou rituais pagãos de sedução. Algumas coreografias eram executadas por bailarinos nus, para horror dos missionários. Dançar chegou a ser proibido no século 19. Hoje, a “atividade lasciva” faz parte do currículo escolar oficial. Dançam crianças e velhos, homens e mulheres.

“Coisa de homem” e “coisa de mulher” são menos distintas no Taiti. É comum o homem se ocupar das atividades domésticas. Antes dos missionários, uma crença primitiva considerava as mulheres “impuras”, por isso eram os homens que preparavam os alimentos. “Isso foi uma libertação para as taitianas”, admite Anatila, uma pioneira que, no final dos 70, criou uma associação para despertar a consciência de cidadania nas mulheres. A entidade, intitulada “Tuterainui” (algo como “sustentar o céu sobre você”), reúne 4 mil

ILUSTRAÇÃO: PAULO HUMBERTO



O santuário ecológico de pássaros no atol de Tetiaroa, que foi comprado pelo ator Marlon Brando em 1966, é um dos lugares mais lindos e preservados do Taiti





mulheres, muito para uma terra com 200 mil habitantes, onde as mulheres só alcançam cargos políticos menos importantes.

FAMÍLIA EXPANDIDA

Anatila foi criada em Papeete. A família era grande: tinha apenas dois irmãos, mas o conceito de família, na Polinésia, não considera apenas pai, mãe e filhos como núcleo. É a “família expandida”. Se uma mulher não tem filhos, pode pedir uma ou mais crianças, de alguém da família ou não, para criar, formando a família “faaamu”. A mãe natural continua a ter contato com os filhos que são criados com outra. Assim foi com Anatila. Além de seus dois filhos, levou

para Paris outras seis crianças do seu irmão, que tinha 12. Também não teve problemas com os quatro filhos do primeiro casamento do marido. Quando partiam em férias, ela convidava os enteados e a ex-mulher

de Jean, para espanto da conservadora alta-sociedade francesa. O que parecia uma atitude moderníssima —uma moça ir sozinha a Paris, morar com um homem antes de casar e formar essa grande e solidária família— para ela era parte de sua cultura.

A generosidade, a ausência do sentimento de posse reflete-se no idioma maohi, a língua nativa que precisa de dois tipos de pronome possessivo: “tou” indica o que pertence a uma pessoa definitivamente, como “tou rima” (“minha mão”), e “tau”. indica o que está com a pessoa no momento, mas não lhe pertence para sempre, como “tau tamarii” (“meus filhos”).

Foi a perda de um filho que levou Madame

Breaud a iniciar uma fazenda de cultivo de pérolas negras. Em 1981, seu filho Olivier, então com 24 anos, foi sequestrado por franceses em Papeete e assassinado ao tentar fugir. “Minha vida parou. Pouco a pouco, meu marido e eu fomos nos desfazendo de tudo o que construíamos no Taiti: o Banco do Taiti, o clube de golfe ... O banco que tínhamos em Paris também foi vendido e passamos um longo período viajando, fugindo de uma lembrança insuportável”, ela conta. Em 1985, ela recebeu a proposta de venda da ilha de Kora-Kora, no arquipélago de Manihi, próximo a Rangiroa, onde havia estado pela última vez com o filho. “Pensei que, se pudesse estar perto dele em algum lugar, seria ali. Cheguei ao Taiti muito frágil e

cheia de dúvidas. Nem conhecia a ilha que me era oferecida. A corretora me pressionou. Eu deveria decidir rapidamente, o último prazo para a transação seria dia 10 de julho. Era o dia do aniversário de Olivier: ele

faria 28 anos. Assinei os papéis nessa data.”

Viajou então para conhecer sua nova propriedade e os únicos moradores da ilha: um jovem casal, Liz e Francis, que se prontificaram a deixar o lugar. Madame Breaud recusou a idéia e ainda se propôs a ajudá-los em seu sonho de criar pérolas. E era isso o que ela faria agora.

A pérola nasce a partir de um grão de areia, um corpo estranho que a ostra não é capaz de expelir, e tem de isolá-lo com camadas de nácar. Mesmo agora, com o controle do cultivo, uma pérola é quase um milagre, que demora seis anos para acontecer. Para que se obtenha uma única pérola são necessárias cem ostras inseminadas e cultivadas.

Tudo começa com a colocação de coletores de conchas no mar, que serão deixados ali por meses. São cordas muito compridas, envolvidas por um material sintético de textura “felpuda” que reproduzem o viveiro natural das conchas: pedras, corais e algas escuras.

Assim fizeram, Anatila e o casal, calculando retirar do mar cerca de 20 mil “conchinhas-filhotes”, o suficiente para dar início a uma pequena fazenda. Quando chegou a época de recolher os coletores, uma surpresa: aquela primeira experiência gerou nada menos que 300 mil conchas, um número que Madame Breaud interpretou como um sinal da presença de seu filho Olivier. A partir daí contratou “inseminadores” do Japão, profissionais que colocam dentro da ostra adulta uma bolinha feita da própria concha polida. Em torno desse núcleo o nácar vai se formando em camadas.

A inseminação é um trabalho repetitivo, minucioso e que exige grande concentração: um tipo de tarefa que os japoneses executam com perfeição, e incompatível com o temperamento livre e ativo dos taitianos. Quase a totalidade dos inseminadores são japoneses, cabendo aos nativos a colocação dos coletores e o recolhimento das conchas. A fazenda de cultivo de Madame Breaud, que começou com cinco pessoas, emprega hoje mais de cem trabalhadores, sob o comando do casal Liz e Francis.

O preço da pérola é determinado por formato, cor, brilho, tamanho, raridade e destino do produto. Uma pérola de qualidade “A” pode valer US\$ 400. Há as redondas, as que têm formato de lágrima, as barrocas e as ‘keishi’, que, sem núcleo, ficam tortas e são geralmente desprezadas. Mas não por Madame Breaud, que ama também as imperfeitas e exibe no braço uma pulseira de pérolas negras ‘aleijadas’, feita por ela: “Pérola é como filho, é difícil rejeitar”.

Marie Claire viajou a convite do G.I.E. Perles de Tahiti e Martin Coeroli. A recém-inaugurada companhia Air Tahiti Nui, que transportou a equipe, oferece vôos de Los Angeles a Papeete de quinta-feira a domingo. O viajante já entra no clima a bordo, com coquetéis de frutas, comida nativa e comissárias usando uniformes floridos.



As coreografias contam uma história, reproduzindo os movimentos da natureza: dos pássaros, do coqueiro, do corpo feminino



Lavagem de ostras, uma das etapas do lento processo de cultivo de pérola; de cada cem ostras tratadas, só uma, em média, contém a pérola perfeita